

Adorcismo, nutrição e saúde nos candomblés da Bahia

Adorcism, nutrition and health in Bahia's candomblés

Adorcismo, nutrición y salud en candomblés en Bahía

Denize de Almeida Ribeiro¹

RESUMO

Este artigo buscou desenvolver uma reflexão feita a partir da investigação das práticas alimentares de alguns Terreiros de Candomblé da região de Novos Alagados, bairro situado no Subúrbio Ferroviário de Salvador/Bahia, uma das áreas mais desassistidas pelo sistema de saúde do município. Objetivo: Analisar as práticas alimentares religiosas dos Candomblés da Bahia. Metodologia: Foi realizada uma pesquisa de cunho etnográfico partindo de uma coleta sistemática dos dados. Foram entrevistadas lideranças religiosas e as pessoas responsáveis pela elaboração da alimentação em 04 (quatro) Terreiros da área. Resultados e Discussão: No Candomblé a prática alimentar aproxima-se do modelo *adorcista* de saúde, proposto por François Laplantine (2004) (1) a partir das contribuições de Luc de Heusch (1971).(2) Assim, ao considerar a utilização dos alimentos no Candomblé, realizou-se um movimento que vai da nutrição na direção das práticas sociais. Considerações Finais: A partir deste deslocamento do biológico e metabólico para o social e antropológico, buscamos apresentar as práticas alimentares religiosas como um campo interdisciplinar onde a compreensão dos fenômenos da nutrição ultrapassa a concepção biologicista e provoca nos pesquisadores a necessidade de avançar na direção de uma aproximação mais verdadeira da realidade sociocultural de cada povo.

Palavras-chave: Nutrição; Candomblé; Modelo *Adorcista* de Saúde.

ABSTRACT

This article seeks to develop a reflection based on the investigation of the eating practices of some *Candomblé terreiros* in the region of Novos Alagados, a neighborhood located in Subúrbio Ferroviário of Salvador/Bahia, one of the most underserved areas by the city's health system. Objective: To analyze the religious eating practices of *Candomblés* in Bahia. Methodology: An ethnographic research was carried out based on systematic data collection. Religious leaders and people responsible for the preparation of food in 04 (four) *terreiros* in the area were interviewed. Results and Discussion: In *Candomblé*, the eating practice approaches the *adorcist* health model proposed by François Laplantine (2004) (1) based on the contributions of Luc de Heusch (1971).(2) Thus, when considering the use of food in

¹ Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Santo Antônio de Jesus, Bahia, Brasil. E-mail: ialode28@hotmail.com

Candomblé, there was a movement that goes from nutrition towards social practices. Final Considerations: From this shift from the biological and metabolic to the social and anthropological, we sought to present religious food practices as an interdisciplinary field where the understanding of Nutritional phenomena go beyond the biological conception and provoke in researchers the need to move towards a truer approximation to the socio-cultural reality of each people.

Keywords: Nutrition, *Candomblé*, Adorcist Health Model

RESUMEN

Este artículo busca desarrollar una reflexión a partir de la investigación de los hábitos alimentarios de algunos *terreiros de Candomblé* en la región de Novos Alagados, un barrio ubicado en el Subúrbio Ferroviário de Salvador / Bahía, una de las zonas más desatendidas por el sistema de salud de la ciudad. Objetivo: Analizar las prácticas alimentarias religiosas de *Candomblés* en Bahía. Metodología: Se realizó una investigación etnográfica basada en la recolección sistemática de datos. Se entrevistó a líderes religiosos y responsables de la preparación de alimentos en 04 (cuatro) *terreiros* de la zona. Resultados y discusión: En *Candomblé*, la práctica de comer se aproxima al modelo de salud *adorcista* propuesto por François Laplantine (2004) ⁽¹⁾ a partir de los aportes de Luc de Heusch (1971). ⁽²⁾ Así, al considerar el uso de alimentos en *Candomblé*, hubo un movimiento que va de la nutrición a las prácticas sociales. Consideraciones finales: De este cambio de lo biológico y metabólico a lo social y antropológico, se buscó presentar las prácticas alimentarias religiosas como un campo interdisciplinario donde la comprensión de los fenómenos nutricionales van más allá de lo concepción biológica y provocan en los investigadores la necesidad de avanzar hacia una aproximación más real a la realidad sociocultural de cada pueblo.

Palabras clave: Nutrición; *Candomblé*; Modelo de Salud *Adorcista*.

INTRODUÇÃO

Conta o mito que *Exu* foi aconselhado a ouvir do povo ioruba todas as histórias que falassem dos dramas vividos pelos seres humanos, pelas próprias divindades, assim como por animais e outros seres que dividissem a terra com os homens. Histórias que falassem da ventura e do sofrimento das lutas vencidas e perdidas, das glórias alcançadas e dos insucessos sofridos, das dificuldades na luta pela manutenção da saúde contra os ataques da doença e da morte. Todas as narrativas a respeito dos fatos do cotidiano, por menos importantes que pudessem parecer, tinham que ser devidamente considerados. *Exu* deveria estar atento também aos relatos sobre as providências tomadas e as oferendas feitas aos deuses para se chegar a um final feliz em cada desafio enfrentado. Assim fez ele, reunindo 301 histórias, o que significa, de acordo com o sistema de enumeração dos antigos iorubas, que *Exu* juntou um número

incontável de histórias. Realizada essa pacienciosíssima missão, o orixá mensageiro tinha diante de si todo o conhecimento necessário para o desenvolvimento dos mistérios sobre a origem e sobre o governo do mundo dos homens e da natureza. Sobre o desenrolar do destino dos homens, infortúnios que a todo o momento ameaçavam cada um de nós, ou seja, a pobreza, a perda dos bens materiais e de posições sociais, a derrota em face ao adversário traiçoeiro, a infertilidade, a doença, a morte. Conta-se que todo esse saber foi dado a um adivinho de nome *Orunmilá*, também chamado Ifá, que o transmitiu aos seus sacerdotes, os sacerdotes do oráculo de Ifá, que são chamados Babalaôs ou pais do segredo ⁽³⁾.

Para a realização deste trabalho de pesquisa, assumiu-se a tarefa de reunir a narrativa de integrantes dos Terreiros de Candomblé do Subúrbio Ferroviário de Salvador. Histórias que tratam do desenrolar do sofrimento e das soluções encontradas para superar as doenças e os infortúnios. Fez-se isso consultando os Babalaôs de Novos Alagados; algumas dessas histórias foram transcritas e serão contadas adiante. Assim, imitou-se *Exu*, utilizando-se do seu método.

Nessa trajetória procedeu-se a uma investigação acerca das práticas alimentares dos adeptos do Candomblé no seu percurso em busca da manutenção da saúde e da cura em um bairro da periferia de Salvador: o território negro de Novos Alagados².

Percebeu-se que a conduta alimentar religiosa é, às vezes, adotada para a prevenção de doenças e infortúnios, bem como para o restabelecimento da saúde, do equilíbrio espiritual e até mesmo material. Mas as normas que regem esta conduta têm um valor característico: relacionam-se com o sistema de crenças e podem funcionar como um signo diacrítico em cada grupo religioso que o distingue de outros (e dos profanos).

A religião se insere como um dos pontos presentes no relato das pessoas quando confrontadas no atendimento clínico: são normas, proibições, relações que se estabelecem entre as pessoas e o alimento que fazem da refeição um ritual de afirmação do indivíduo no horizonte de sua crença.

² Área localizada na Região Administrativa XVI, Subúrbio Ferroviário, bairro composto em sua grande maioria por invasões.

No Candomblé, a comida tem ainda a função de fazer a comunicação entre os deuses e os seres humanos, e a atitude de compartilhá-la representa a expressão da força vital, o axé³. Câmara Cascudo ⁽⁴⁾ nos diz que:

Ter-se-ia verificado na cidade de Salvador uma concentração negra mais homogênea, mais íntima e possibilitadora da defesa das velhas comidas africanas. Seria ao redor dos candomblés, do culto sudanês, jeje-nagô que a cozinha manteve elementos primários da sua sobrevivência.

Assim é que tal religião favoreceu a permanência e reestruturação de algumas práticas alimentares, reunificando a história dos negros, pontuando seu processo de identidade, na Bahia.

No Candomblé, o alimento age junto aos orixás⁴ em favor das pessoas em diversas situações, ou simplesmente colabora para a manutenção do equilíbrio geral do indivíduo e do grupo. Para a ciência da nutrição, é o principal mantenedor da saúde e vem a ser, evidentemente, o seu principal objeto de interesse. Contudo, ao dar um caráter medicamentoso à alimentação, consideraremos apenas uma face da dietoterapia: a da relação do nutriente com a doença. Restam outros aspectos importantes a serem considerados; um deles diz respeito exatamente ao sujeito, sua história de vida, seu grupo cultural e suas práticas alimentares.

Práticas alimentares de saúde: formas possíveis de abordagem

Para a análise deste tema foram fundamentais os modelos etiológicos propostos por Laplantine ⁽¹⁾. Segundo ele adverte, dentro da abordagem terapêutica do alimento, pode-se ter o nutriente encarado como causador do mal; neste caso recomenda-se, sua redução (modelo subtrativo). Pode-se encará-lo também como medicamento, quando se sabe de sua importância terapêutica em processos patológicos (modelo aditivo); neste caso (da falta), a conduta terapêutica é de recomendar a adição ao cardápio do paciente dos nutrientes identificados como necessários, e, a fim de restabelecer sua saúde: prescreve-se, por exemplo, uma alimentação que o reforce (alimentos energéticos, com altas calorias etc.).

³ Sobre o conceito de Axé (asé) (5);(6).

⁴ Designação genérica das divindades do panteon ioruba ou nagô-ketu. Cf. inquite; vodum.

Entretanto, a orientação alimentar das pessoas têm também uma lógica encarnada corporalmente, dos sentidos e dos símbolos, onde os alimentos têm suas qualidades avaliadas de acordo com o que despertam, seja através do paladar (doce, amargo, ácido, salgado, picante etc.), do olfato (adocicado, azedo, forte), da visão (a cor, a aparência, apresentação) ou dentro de um código de significados estabelecidos que fazem relação com a natureza do alimento (animais, vegetais, minerais e naturais ou artificiais), ou de acordo com o potencial de saciedade que possa produzir (forte, fraco, leve ou pesado), ou mesmo através de categorias que qualificam os alimentos (quente X frio)⁵, ou por atribuições relacionadas com o potencial de provocar ou reduzir um mal-estar (reimoso), ou ainda por critérios socioeconômicos (comida de pobre X comida de rico), ou por outros critérios.

Entre os adeptos do Candomblé, por exemplo, classificam-se os alimentos também por critérios étnico-culturais, como “comida de branco X comida de negro”, “comida de santo X comida de pecador”, “comida seca”, “comida fria”, tendo cada uma suas respectivas atribuições, interpretações e significados.

Um caminho e suas encruzilhadas

Em Novos Alagados, local onde se realizou este estudo, há uma diversidade de instituições religiosas que desenvolvem cada qual a seu modo, suas respectivas práticas de cura para o enfrentamento dos mais variados problemas.

Procurou-se ver o que acontece em alguns Terreiros⁶ de Candomblé, não esquecendo de situá-los no contexto histórico de uma sociedade, com uma população que possui sua trajetória de desenvolvimento muito ligada à cultura e à situação vivenciada pela população negra no Brasil.

Desse modo, o recorte étnico-racial ganha importância e serve de base para as observações. Pois, urge o reconhecimento do papel desempenhado pelos curadores populares que, na Bahia, são negros em sua maioria e têm a legitimidade e o

⁵ A divisão dos gêneros alimentícios em dois grupos principais, geralmente denominados “quente” e “frios” é uma característica de muitos grupos culturais no mundo islâmico, no subcontinente indiano, na América Latina e na China. Em todas essas culturas, esse sistema binário de classificação inclui muito mais do que alimentos: remédios, doenças, estados físicos e mentais, poderes naturais e sobrenaturais ⁽⁷⁾.

⁶ Local onde são realizadas as cerimônias religiosas do Candomblé.

reconhecimento de populações inteiras completamente desassistidas pelo poder público, desde o período da escravização até os dias atuais. Da mesma forma, os conhecimentos populares são desconsiderados pela ciência ocidental, que é hegemônica, terminando por formar, muitas vezes, profissionais completamente apartados da realidade social de um país multicultural como o Brasil.

No Candomblé, a prática alimentar herdada dos africanos sofreu modificações, adaptações e transformações, mas não deixou de ter um papel fundamental na saúde, por meio das oferendas⁷ das trocas, das recomendações, das quizilas⁸ e dos sacrifícios⁹. No terreiro tudo é alimentado, para a manutenção da sua força. Percebe-se, dessa forma, a importância que a prática religiosa pode ter na conduta alimentar e de saúde de indivíduos e de grupos.

Encruzilhadas dos saberes ou “Metodologia adotada”

Depois de um levantamento bibliográfico sobre o tema, realizou-se, em Novos Alagados, um *survey* exploratório, recolhendo informações preliminares sobre os terreiros de Candomblé ali existentes. Recorreu-se também a indicações obtidas nas Associações de Moradores e de informes (dados secundários) levantados na CONDER (Companhia de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Salvador), na SEPLAM/FML (Secretaria Municipal de Planejamento, Meio Ambiente e Desenvolvimento Econômico/Fundação Mario Leal Filho) e em relatórios de pesquisas (Projeto MAMNBA, 1982; Comprometimento Ambiental do Sítio Histórico de Pirajá/Parque de São Bartolomeu, 1993); Novos Alagados, recuperação sócio-ambiental da área de São Bartolomeu, 1997; Cadernos do Parque, 1998; Retratos da Comunidade de Novos Alagados, AVS/CDM, 1998 ⁽⁸⁾. Em seguida, iniciaram-se as entrevistas preliminares e a identificação e qualificação dos informantes. Deu-se início, então, ao trabalho de coleta sistemática dos dados.

Durante este trabalho, buscou-se travar com os interlocutores um diálogo que permitisse estabelecer interpretações das concepções do grupo acerca do alimento

⁷ Itens destinados a serem oferecidos aos deuses com o objetivo de agradá-los e de estabelecer comunicação com eles.

⁸ Proibições, escrúpulos alimentares, interdições.

⁹ Prática realizada através da imolação de animais e da obediência de recomendações prescritivas.

e da sua utilização no Candomblé. Isto foi feito através de observação participante, com o recurso também de entrevistas não estruturadas e semiestruturadas com os referidos interlocutores.

Vale ressaltar que a tarefa não foi das mais fáceis, uma vez que os “zeladores”¹⁰ não queriam falar sobre certas questões; muitas vezes, marcavam a entrevista e saíam, ou desconversavam; outras vezes, durante a entrevista, respondiam com evasivas, dizendo que “tudo era relativo e dependia do jogo de búzios”¹¹. Portanto, muitas questões permaneceram sem respostas, as quais acredito só serão obtidas por meio de uma pesquisa mais aprofundada, ou de uma convivência maior dentro dos terreiros, fato que, pelo restrito tempo proporcionado pela pesquisa, dificultou a compreensão de tema tão complexo que exige do pesquisador o estabelecimento mínimo de vínculos. Entretanto, desvendar os segredos ou revelar fundamentos religiosos também nunca fez parte dos objetivos desse trabalho.

Fez-se observação dos rituais nos quais foi permitida a presença da pesquisadora. Testemunhou-se, até certo ponto, a aquisição, a elaboração, o serviço dos alimentos e a destinação das sobras alimentares; registrou-se aspectos da vida cotidiana das comunidades de culto e de parte da clientela dos terreiros.

Os(as) adeptos(as) de Candomblé entrevistados neste estudo foram, preferencialmente, os(as) que cozinham no terreiro (*lyabassê*¹²) e as zeladoras¹³. Com ambas as categorias, realizaram-se entrevistas e as histórias de vida nucleares neste estudo. As narrativas foram gravadas e transcritas para posterior análise dos discursos.

Fotografaram-se diversos aspectos da vida cotidiana como: a comunidade de Novos Alagados, o Parque de São Bartolomeu, o espaço dos terreiros de Candomblé, assentamentos, oferendas, algumas festas, momentos de preparo dos

¹⁰ Chama-se de “zelador”(a) a pessoa responsável pelo cuidado com os orixás e com os filhos e filhas de santo (sinônimo de Babalorixá (M), Iyalorixá (F), Pai de Santo, Mãe de Santo, Tata, Mameto. Babalorixá e Iyalorixá, são palavras de étimo ioruba. Tata e Mameto são termos oriundos do quimbundo.

¹¹ Jogo de búzios é o meso que consultar o oráculo, o ifá; forma divinatória de responder as mais variadas questões e que determina a conduta adotada pelos zeladores dentro dessa religião.

¹² Mulheres que detêm o cargo de especialistas nas comidas sagradas dos orixás.

¹³ Os(as) zeladores(as) em muitas casas exercem também o papel de lyabassê, cargo nem sempre preenchido nos terreiros – lyabassê é também um termo de étimo ioruba).

alimentos, locais de compra. No processo de observação participante, a pesquisadora submeteu-se ao rito divinatório do jogo de búzios e realizou consultas aos caboclos¹⁴. Dessa forma, teve um diagnóstico e obteve prescrições terapêuticas que foram obedecidas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A terapia *adorcista* do Candomblé e seus intérpretes

Pode-se perceber que a prescrição e a conduta adotada pelas zeladoras dependem da interpretação dada ao jogo de búzios, do orixá/inquice atribuído a cada consulente e do tipo de aflição diagnosticada. Na maioria das vezes, as pessoas procuram soluções para problemas de relacionamento afetivo, doenças e também questões relacionadas com o domínio financeiro.

As zeladoras entrevistadas frequentemente afirmaram ser por 'mal de amor', inveja e 'olho grosso'¹⁵, que as pessoas sofrem e adoecem. Também é muito comum que o orixá/inquice (o santo, ou senão o caboclo) se manifeste, afligindo a pessoa, de diversas formas, solicitando ser cuidado. Nesses casos, o indivíduo deverá procurar um(a) zelador(a) experiente e de sua confiança para proceder aos cuidados compatíveis, submetendo-se aos ritos adequados, que podem ser só de limpeza (sacudimento, ebó etc.¹⁶).

Os territórios negros e sagrados dos terreiros são espaços terapêuticos que atuam com atendimento direto, oferecendo recomendações e diversos significados aos problemas trazidos, os quais são reinterpretados e tratados por meio da consulta aos búzios, das comidas, das folhas sagradas, dos sacrifícios, das obrigações e de recriação de um mundo mágico capaz de ressignificar e de domar o mal.

14 Entidades sagradas, que se manifestam através do transe dos médiuns. Designação dada à personificação de espíritos indígenas brasileiros, também cultuados pelos iniciados ao lado das divindades africanas.

15 Poder sobrenatural atribuído ao olhar emitido por pessoa invejosa ou que detém uma energia negativa.

16 Limpeza rito catártico; sacudimento: outro tipo de rito catártico; Ebó: despacho ou oferenda destinada principalmente a Exu, palavra de étimo ioruba.

Todas as entrevistadas orgulham-se em contar como conseguiram curar inúmeras pessoas que procuraram a sua casa e também afirmaram que se iniciaram no Candomblé por motivo de doença, um mal-estar que só melhorou e encontrou resposta nessa religião. D. Marlene, uma das entrevistadas, por exemplo, conta que se iniciou no Candomblé ainda menina, por conta de um mal-estar que sentia. Como diz:

Eu comecei no candomblé indo pra uma reunião com uma madrinha minha e aí comecei a passar mal e passar mal lá foi esse que quando acordei, eu já estava com dez anos recolhida. Menina! E quando eu vim acordar eu já ia fazer 12 anos e aí comecei. Minha mãe não queria, meu pai piorou. Mas mesmo assim o santo quis! Que é que se pode fazer? Quando eles querem e quando existe mesmo na cabeça da gente, né?

D. Helena de Iemanjá, outra entrevistada, fala dos seus problemas de saúde: pressão alta, diabetes; mas é uma de suas filhas quem relata que ela teve há alguns anos sérios problemas nos seios, que tiveram que ser operados: “Como ela é de Iemanjá, tem que agradecer sempre por ter escapado dessa...”. Enquanto D. Marlene relata a história de uma outra mãe de santo:

Eu tenho um exemplo aqui da mãe de santo dessa aí, que foi andando no sol quente, que cresceu uma carne muito grande nas costas e hoje tá sem cura. Então, como ela é de Oxóssi, Oxóssi é o santo que carrega muita carne, então ela é dele, ele criou um cupim nas costas dela.

A experiência trazida pelos terreiros é a de pessoas, com toda a hierarquia que sabem que representam, pelo lugar ocupado em sua religião, pela representação social conquistada, pelo saber empírico obtido, sofrem problemas humanos, os quais os aproxima muito mais dos outros e de seus deuses. Esse sofrimento, essa experiência, não faz do(a) zelador(a) alguém fraco, muito pelo contrário, torna-o(a) alguém que compreende a dor porque passa por ela.

Nesse contexto o alimento tem um papel significativo. Mãe Stela de Oxóssi⁽⁹⁾ nos fala que:

A dinâmica de comer e beber no Candomblé transcende a ação biológica e se constitui na principal maneira de renovar e estabelecer o axé. Comer equivale a viver, manter, preservar, iniciar, comunicar, reforçar memórias individuais e coletivas. Comer é uma maneira de se comunicar com o orixá e de fortalecer a troca de axé.

Deste modo, a saúde dependerá do equilíbrio entre essas forças. Periodicamente, certos ritos devem ser cumpridos para possibilitar a aquisição, intensificação, renovação e manutenção deste axé, desta energia. A falta de axé pode acarretar o mal, as doenças e todos os perigos possíveis para o corpo, que poderá ficar exposto à desordem física e mental, ou mesmo sujeito a distúrbios que podem se manifestar em sua vida social.

O dualismo 'corpo aberto X corpo fechado' se refere a esse estado. Reporta-se a um processo cíclico ao qual o corpo humano fica sujeito, diante dos 'olhos-grossos' de um mundo de coisas a que deve permanecer atento, a fim de compreender os seus limites e, às vezes, se fechar. Reporta-se também a necessidade de uma estratégia de enfrentamento utilizada pelo povo negro diante de uma realidade cruel, racista e desumanizadora, frente a qual foi e é preciso estar de algum modo protegido, ou com seu corpo ritualística/simbolicamente fechado. ⁽¹⁰⁾

No mundo do Candomblé, as aflições preliminares da pessoa que se sente compelida a iniciar-se frequentemente coincidem com problemas de saúde, ou têm paralelo nas vicissitudes dos enfermos. Essa etapa do processo iniciático é denominada de "crise de conversão" ⁽¹¹⁾, que pode se apresentar de diversas formas, causando diferentes tipos de infortúnios, inclusive distúrbios percebidos, em princípio, como doenças e até classificados com o rótulo de enfermidades específicas. Dona Ester, uma das entrevistadas relata:

O que me levou ao Candomblé foi a doença, isso depois de eu estar casada. Já andava há cinco anos para o médico, lá no IV Centro de Saúde, e o médico mesmo mandava eu procurar o Candomblé. Eu sentia um caroço que andava na barriga, pra lá e pra cá. Já não tinha mais o que gastar. Aí, fui num terreiro na Ribeira. Fiquei boa com um chá de espinho cheiroso, foi isso que me levou pra lá e estou até hoje. Não sou uma apaixonada, mas sei que tenho que cumprir minha sina, não é?

O mal se apresenta como um sinal do orixá/inquice que precisa ser cuidado por meio do doente e é pelo mal que ele se comunica, dá sinais da presença divina. Conseqüentemente, para a manutenção do seu estado geral, o adepto deverá estar atento e periodicamente refazer os ritos propiciatórios para o seu bem-estar e do grupo.

Luc de Heusch ⁽²⁾ ajuda-nos a compreender essa prática terapêutica quando lança o conceito de *adorcismo* para designar a opção cultural pela qual esse estado, que habitualmente, no ocidente, seria considerado um mal, é, pelo contrário, percebido como um bem: a doença não é mais temida, mas desejada - não se deve mais afastá-la ou combatê-la, mas desejá-la e saudá-la, quando ela surge, como um nível superior de existência; o que era interpretado como patogênico é desta feita, reconhecido como terapêutico ⁽¹⁾. Mas é François Laplantine que nos chama a atenção para esse modelo interpretativo da doença, o qual Luc de Heusch buscou conceituar, complementando-o e abrindo um campo de interpretações possíveis para diferenciados níveis de *adorcismo*.

Para esse autor, a matriz de significações que de Heusch teve o mérito de indicar, diversifica-se em múltiplas expressões e formas, constituindo diferentes gradações, oscilando entre doença como valor e a doença como sentido. No entanto, Laplantine se questiona sobre a compreensão *adorcista* da doença: poderia tal modelo ser interpretado como um procedimento terapêutico?

Para esse questionamento, o autor não possui ainda uma resposta definitiva, 'pela dificuldade do pesquisador se posicionar diante de tal procedimento terapêutico e até mesmo pela dificuldade de um vocabulário científico para tratar de questão tão complexa'. Laplantine conclui, então, que a cultura ocidental não se encontra preparada para denominar esse procedimento, mas que nem por isso ele deixa de existir.

Assim cabe, talvez, aos pesquisadores de outras culturas ou, no caso do Candomblé, da cultura de matriz africana, observar, nomear tais fenômenos, elaborar considerações e interpretações que complementem as pistas levantadas por tais autores, ou dar outros significados a serem considerados.

Seguindo essa pista, observou-se, nesse estudo, que no modelo etiológico, talvez "adorcista" do Candomblé, o terapeuta procurará dar sentido à doença. Mesmo tentando livrar o doente dos seus sintomas, seguirá com o próprio doente o percurso que o leve do sintoma à sua origem oculta. Assim a cura não é a antidoença, pois esses limites não existem. Trata-se de domar o mal e compreendê-

lo não mais como coisa, mas como algo com sentido, um desequilíbrio que precisa ser superado.

No Candomblé, para abrir a passagem iniciática, interfere sempre um terapeuta experiente – o intérprete, a zeladora ou o zelador – que examina o caso consultando o jogo de búzios e, por meio deste oráculo, é reportado a paradigmas mitológicos, proporcionando, dessa forma, um sentido para o mal.

Alguns aspectos podem ser observados, repercutidos em sinais e símbolos desse fenômeno, como no caso da quizila que se apresenta como mais um tipo de manifestação do orixá/inquice no adepto. Através da transgressão, do descumprimento de um tabu alimentar, o iniciado sente, sofre as consequências de tal atitude e percebe esse fato como um sinal da presença divina em sua vida, em seu corpo, com desordens, sinais e sintomas.

Estabelece-se então, uma comunicação do iniciado com o seu Deus que responde molestando-o, física e espiritualmente. A quizila é também um tipo de crise de conversão, presente no *adorcismo*. Dessa vez o adepto tem consciência do risco que está correndo ao infringir uma ordem sagrada. Conseqüentemente pode apresentar alergias, mal-estares, dores. É uma síndrome real e não pode ser desconsiderada. E, como unidades psicofísicas que somos, a violação da quizila pode até mesmo ser fatal.

Todavia, comer, nos terreiros de Candomblé, também simboliza um ato de prazer. Para o adepto é prazeroso receber visitantes em sua casa e em festividades. Todos participam das oferendas e compartilham o mesmo axé, ultrapassando os limites dos territórios negros dos terreiros.

Então, na Bahia, ao encontrarmos as comidas sagradas nas ruas, o acarajé, o abará, o caruru, o vatapá, a pipoca, as farofas, os mingaus etc. assistimos e sentimos o cheiro, o som, o colorido, o sabor e todos os dias presenciamos um ritual de multiplicação do axé vital do povo negro, sacralizando o seu território.

Isso incorpora-se à vida cotidiana das pessoas, as quais nem sempre são adeptas do Candomblé, mas vivenciam também do hábito alimentar de comer do azeite, o sangue vermelho, sagrado, cheio de axé e de saudades da África. Mantém-se assim a memória coletiva, de saúde de um povo e a manutenção de seu laço de

identidade com uma África mítica, cifrada e resguardada através da sacralização de sua cultura.

Considerações finais

Tentou-se fazer nesse trabalho uma aproximação do olhar da nutrição para as práticas coletivas de alimentação e de saúde. Procurou-se os Terreiros de Candomblé por perceber nos hábitos alimentares do povo baiano uma forte influência da cultura africana e por ser essa a religião que congrega os elementos fundamentais dessa cultura ainda preservados na Bahia.

Os Candomblés desenvolvem práticas alimentares que foram readaptadas e reinterpretadas no contexto social brasileiro, mas que trazem uma estreita ligação com o mundo africano. O desejo de manter comunicação com os seus antepassados e com seus deuses se manifesta através do alimento, é como querer senti-los através do paladar, da reconstituição dos aromas, do olfato, de suas cores, do colorido das comidas para fazer falar os antepassados através do despertar dos sentidos.

Como parte desse ritual de comunicação com os deuses, muitos elementos se combinam: a música, a dança, os aromas, a linguagem, a comida. Como parte de um ritual de saúde é preciso preparar o espaço, banhar-se, vestir-se adequadamente, cercar-se do axé provido pela cromoterapia, da aromoterapia, da musicoterapia e da dietoterapia sacralizadas. Assim, procurou-se atentar para esse domínio, por considerar de extrema importância para a nutrição uma aproximação das práticas alimentares e de saúde dos sujeitos, ampliando o horizonte de possibilidades para a interpretação do alimento na vida das pessoas.

No Candomblé, o alimento é mais que nutriente, ele tem um importante papel de mantenedor do equilíbrio vital. De preservar a memória coletiva de um povo, de estabelecer a propagação da energia vital, o axé, para além desse povo, como também de, através das proibições, das quizilas, estabelecer e renovar laços de identidade que não devem ser esquecidos, por isso são ritualmente repetidos, laços ritualmente reforçados com a África.

Para a saúde coletiva, as práticas discutidas nesse trabalho podem ser descritas como práticas paralelas ou alternativas de cura; mas para o povo que delas se utiliza e nelas confia, são formas de enfrentamento e de lutas constantes em uma sociedade secularmente discriminadora e excludente, são estratégias utilizadas para compreender o mal e, às vezes, até vencê-lo. Portanto, cabe ao profissional de saúde, caso necessite desenvolver ações em populações como a contemplada nesse estudo, atentar para tais questões e proceder como um facilitador ou como um dos mediadores da cura.

REFERÊNCIAS

1. LAPLANTINE, F. Antropologia da Doença. São Paulo – Martins Fontes, p. 187-197. 1991.
2. LUC DE HEUSCH, 1971, p.226-285. In: Antropologia da Doença, Francois Laplantine. São Paulo - Martins Fontes , p. 187-197, 2004
3. PRANDI, R. Mitologia dos Orixás. São Paulo: Companhia das Letras, p.16. 2001.
4. CASCUDO, Luís da Câmara. História da Alimentação no Brasil. 3 ed. São Paulo: Global Editora, 2004.
5. SANTOS, J E. dos. Os Nagôs e a Morte: Padê, Àsésé e o Culto dos Eguns na Bahia: 10a ed. Petrópolis RJ - Vozes, 1986.
6. CASTRO, Y. P. Falares Africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro; Rio de Janeiro; Copyright; 2001.
7. HELMAN, C.: Cultura e Saúde. Artes Médicas – Porto Alegre, 1994.
8. SANTOS J. E. F. Novos Alagados: história do povo e do lugar – Bauru, SP: Edusc, 2005.
9. SANTOS, M. S. de A. Meu Tempo é Agora. 2ª Edição. Projeto CENTRHU – Novembro - Curitiba, 1995.
10. MOURA, C.E.M. Candomblé: religião do corpo e da Alma; Rio de Janeiro: Pallas, 2000.
11. SERRA, O. Águas do Rei; Petrópolis – RJ; Vozes/Koinoinia, 1995.